

- 5 SET 1986

JF. *Cultura*  
*Jornal de Brasília*

# Como anda a vida cultural da cidade

O artista plástico Eduardo Carreira resolveu vir a público, para protestar alguns fatos que vêm ocorrendo na vida cultural de Brasília, por intermédio de uma carta aberta, destinada à Secretaria de Cultura do DF, Vera Pinheiro. Afirmando que não reconhece em Vera Pinheiro "qualquer autoridade para ocupar o cargo de secretária de Cultura da cidade que é a capital do País", Eduardo aponta uma série de irregularidades ocorridas por ocasião do Salão de Artes Plásticas de Brasília/86 e aponta, como prova, a ata dos trabalhos do júri, da qual tem uma cópia.

A carta já foi enviada à Secretaria, que ainda não a recebeu. Aliás, para a secretária Vera Pinheiro o teor da carta, apesar de desconhecido, não merecerá de sua parte nenhuma resposta, segundo palavras dela mesma, em entrevista dada ontem ao Jornal de Brasília. "Eu reconheço que o trabalho dele é muito bom, mas ele está mal informado", disse, acrescentando que "se ele quiser conversar comigo, que venha aqui, porque eu não respondo a cartas abertas. Eu falo com pessoas". Vera Pinheiro disse ainda que, quem não quiser participar da mostra em homenagem aos 10 anos de morte de JK por sentir-se prejudicado, pode retirar suas obras da exposição. "Nós podemos fazer isso", acrescentou Vera. Ainda em relação à carta de Eduardo Carreira, Vera fez questão de enfatizar que não se sente afetada enquanto secretária de Cultura. "Antes de tudo", afirmou "ele está se dirigindo a um companheiro. Ele está atacando uma profissional com dois cursos superiores em artes plásticas".

Abaixo, publicamos na íntegra a carta de Eduardo Carreira:

Ilma. Profa. Vera Pinheiro  
Bom dia.

Se tomo a liberdade de lhe enviar esta carta é porque os últimos acontecimentos na vida cultural da cidade me obrigam, enquanto artista e cidadão, a manifestar-me publicamente, dirigindo-me a Vossa Senhoria como natural interlocutora. Obviamente, não se trata de uma opção, uma vez que não lhe reconheço qualquer autoridade para ocupar o cargo de secretaria de Cultura da cidade que é a Capital do País e desconheço profundamente de seus reais interesses com Brasília. Mas minha tentativa de sensibilizar as pessoas que poderiam encaminhar democraticamente estas discussões e mantê-las em nível mais saudável foi infelizmente infrutífera, quer seja pelo já tão decantado vício autoritário, quer seja pelo seu envolvimento em trocas de favores que tristemente as comprometem. Restaram V. S<sup>a</sup>, e, naturalmente, o bispo, que, pastor de almas, está ocupadíssimo em salvá-las, sendo portanto indelicado perturbá-lo com questões menores. Isto, é claro, se menor for considerada a questão da nossa cultura, se menor for considerada a questão do nosso padrão ético e estético.

Como sua Secretaria vem subestimando com notável zelo o discurso cultural e tratando-o como mero instrumento de projeção política e pessoal, é exclusivamente a V. S<sup>a</sup>, a quem devo encaminhar minhas reclamações. Reclamações estas que não são somente minhas e da qual compartilham pintores, bailarinos, atores, professores, cineclubistas, gente que faz a arte desta cidade, gente que luta para viver do seu trabalho e o defende com dignidade.

Explicadas estando, creio eu, as causas que me fizeram escolher o meio, objetivar o interlocutor e dar o colorido forte às palavras, quero frisar minha pouca preocupação em cobrar-lhe posicionamentos políticos, porque acho desperdício de tempo tentar entabular qualquer comunicação deste tipo — V. S<sup>a</sup>, não está neste cargo por haver prestado qualquer serviço à inteligência de Brasília, nem por ter qualquer passado político de defesa desta comunidade, mas certamente por motivos que desconhecemos eu e meus concidadãos. Não vou lhe torturar com isso: deixemos o problema político à classe operária e àqueles a quem nosso governo representa. Como indivíduos, eu e V. S<sup>a</sup>, não somos tecnicamente importantes. Sobre política, aqui entendida em seu sentido mais amplo, nós não podemos conver- sar, só podemos fazê-la.

Por essas e outras que o motivo desta carta é tão-somente pedir a V. S<sup>a</sup>, nua e cruentamente, que os jogos de favorecimento, pessoal sejam feitos mais discretamente, já que não podem ser evitados. O ridículo, o amadorismo, o constrangimento em que constantemente têm se metido a burocracia cultural, ultrapassam perigosamente os níveis de civilidade conquistado a duras, penas pela comunidade artística da cidade. E, para ilustrar o que falo, pediria à V. S<sup>a</sup>, providências acerca dos trabalhos finais do Salão de Artes Plásticas de Brasília/86 que foram fraudados por orientação de pessoas diretamente ligadas à sua Secretaria, para beneficiamento ilícito de um pequeno grupo de pessoas em flagrante desrespeito a quase duas centenas de artistas que dele participaram. V. S<sup>a</sup>, sabia que a ata do júri, composta por professores da UnB, pessoas idôneas e com respeitável trabalho, foi alterada para inclusão de cinco nomes que não constavam da lista de premiados, incluindo a senhora Leda Watson e a senhora Naura Timm? Se V. S<sup>a</sup>, não tem conhecimento destas irregularidades, que desrespeitam inclusive o regulamento do Salão que vocês mesmos promoveram, eu poderia ajudar lhe mostrando a ata dos trabalhos do júri. Teria um enorme prazer, embora não aposte em centavo na probabilidade disto vir a acontecer. De qualquer forma, creio que tudo isto é de seu conhecimento. Já virou piada em certos meios! Seria engraçado, se não fosse grotesco.

São fatos assim que venho rogar-lhe possam ser evitados, senão por uma postura principista, ao menos para conservar as aparências e garantir a ilusão de não termos chegado ainda à barbárie.

Eu não gosto de emprestar meu silêncio quando vejo coisas deste tipo. Preferiria mil vezes estar sentado nas escadas de um teatro qualquer com V. S<sup>a</sup>, e mais um tanto de artistas para conversar sobre as possibilidades culturais de Brasília a estar aqui lhe cobrando posturas. Se na Secretaria de Cultura vigorasse um comportamento mais democrático, certamente não precisaríamos ter que nos enfrentar de forma tão pouco útil para o engrandecimento da cidade.

Sendo assim, e estando feitas tanto as ressalvas quanto a reclamação, penso que faltaria somente uma sugestão concreta para o encaminhamento da resolução da crise política e moral pela qual passam a sua Secretaria e a Fundação Cultural. Bem sei que V. S<sup>a</sup>, é retratária às sugestões que não partam dos gabinetes de seus pares, e se aparente ingenuidade ao colocar-lhe as coisas deste modo, é porque no momento me apetece brincar de mentirinha. Na verdade, no fundo mesmo, V. S<sup>a</sup>, já respondeu à proposição do debate aberto e democrático com seu inequívoco desrespeito aos verdadeiros produtores da cultura do DF.

Essa terra, V. S<sup>a</sup>, bem sabe, é pródiga de falsos intelectuais, que, manipulando sua própria história, se fazem passar por cordeiros, quando mais não são do que lobos ávidos do patrimônio que é de todos. E patrimônio de todos é tanto o poder do Estado quanto as verbas para o Salão de Artes Plásticas. Como pensadores, estes falsos intelectuais conseguem fazer do não pensar uma virtude e propagando aos quatro ventos seu compromisso com o nada, encontram em sua mente uma desculpa moral para a prática sistemática do desrespeito ao próximo. Agregando a isso nossa história de País colonizado e a complexa dialética de poder e contrapoder, teremos então o culo de cultura onde vicejam os elementos nefastos ao amadurecimento intelectual da nossa pobre nação. A personificação, deste estranho e triste fenômeno, pode ser encontrada sob medida na figura do Sr. Reinaldo Jardim, onde seu escandaloso comportamento de traição do discurso democrático, é por si só a forma mais eloquente da diluição do ideal liberal, que debilmente se anuncia com intenções e nada mais. E é assim, que, do maior para o menor, vai se articulando uma rede burocrática que se traveste de culta para melhor esconder sua acentuada limitação, que se pretende autorizada a julgar o que lhe é exterior, que se investe do direito de marginalizar e oprimir. Por conseguinte, não consigo pensar em nenhuma sugestão interessante à melhora de sua administração, porque não acredito, acima de tudo, que seja capaz de executá-la. Além disso, V. S<sup>a</sup>, ocupou esta Secretaria ilegitimamente. V. S<sup>a</sup>, a recebeu como despojo de uma guerra onde não combateu. Isso não interessa mais. Interessa sim, o fato de que a única sugestão possível seria a de sua renúncia imediata, coisa que contudo ainda não farei, porque acredito no valor didático, possível de ser extraído pela comunidade, dos exemplos que V. S<sup>a</sup>, à frente de sua Secretaria vem dando. Infelizmente, é um valor didático às avessas, encorporado empiricamente por aqueles a quem vocês violentam, encorporado como cicatriz. A sabedoria. Professora, eu não sei onde está, mas certamente não estará naquelas pessoas que, na Bronca Cultural, apontavam a origem periférica da grande maioria dos manifestantes que ali estavam para manifestarem seu orgulho e sua arrogância, pensando serem mais nobres, mais sabidos, mais artistas.

Tulvez seja prudente finalizar. A escritura é coisa que me sai difícil e quanto mais longa vai, pior fica, além do que, este assunto é por demais enfadonho. Somente aproveito para reiterar meu pedido de maior atenção para com a coisa pública, mesmo que seja nos limites da formalidade exclusivamente. E gostaria também que V. S<sup>a</sup>, impedissem novas cartas como essa, já que é desmoralizantes como os trabalhos finais do Salão de Artes Plásticas venham a gerar o mais manifesto repúdio e execração dos cidadãos.